

TREINANDO CORAÇÕES: A EXPERIÊNCIA DA CAPACITAÇÃO EM SUPORTE BÁSICO DE VIDA.

Resumo

Situações de urgência e emergência ocorridas em ambiente extra-hospitalar demandam atendimento pré-hospitalar (APH) imediato e adequado, especialmente o Suporte Básico de Vida (SBV). É necessária a instrução populacional acerca do treinamento e utilidade das práticas de primeiros socorros e, nesse contexto, alguns grupos emergem como alvos especiais devido ao contexto nos quais estão inseridos, sendo eles os estudantes de ensino superior de ciências da saúde e os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). A atividade curricular de extensão denominada “Treinamento em Suporte Básico de Vida para Profissionais da Atenção Primária à Saúde” foi desenvolvida para ofertar capacitação em SBV para estudantes do 2º período de graduação em Medicina e a agentes comunitários de saúde, a partir do uso de metodologias ativas de aprendizagem. A capacitação com os ACS está prevista como etapa futura do projeto. Já com os estudantes, foi realizada por meio de um treinamento teórico-prático na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ministrado por alunos do 4º e do 5º período do curso de medicina, sob orientação de docentes do curso. Ao final do treinamento, tornou-se perceptível a evolução das habilidades do grupo sobre as medidas de Suporte Básico de Vida, além de ser notável a influência positiva da abordagem prática e da repetição na fixação do aprendizado. A partir da interação inicial entre os graduandos e os ACS, o projeto aproximou a Universidade e as equipes de Saúde da Família (eSF).

Palavras-chave: Parada Cardíaca. Suporte Básico de Vida. Atenção Primária à Saúde.

[Digite aqui]

LARISSA GABRIELLA DE SOUZA SÁ. (autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

JOYCE KETHELLEN NERES LIMA. (autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

SAMYLLA PINHEIRO DA SILVA SANTOS. (autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

BRUNA GOES TORRES. (autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

VITOR ALBUQUERQUE DUARTE. (autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

MARCELO CALAZANS D. DE MENEZES. (autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

Submetido em NOV/2022.
Aceito em NOV/2022.
Revisado em NOV/2022.
Publicado em DEZ/2022.

1 INTRODUÇÃO

As situações de urgência e emergência ocorridas em ambiente extra-hospitalar demandam atendimento pré-hospitalar (APH), caracterizado inicialmente pelo pedido de ajuda e acionamento de serviço especializado. O APH realizado de forma correta é determinante na sobrevida e ocorrência de sequelas no paciente, especialmente em casos de parada cardiorrespiratória (PCR). A difusão global do conhecimento sobre atendimento básico da PCR por indivíduos leigos na população em geral é a medida mais importante e de maior impacto na esfera do APH (DIAS et al., 2016).

Indivíduos acometidos por uma PCR, condição associada à elevada morbimortalidade, têm maiores chances de sobrevivência quando a conduta de Suporte Básico de Vida (SBV) é aplicada, seja por um profissional de serviço de emergência ou por uma pessoa leiga presente no momento (PERKINS et al., 2015; SASSON et al., 2010). SBV é um conjunto de medidas e procedimentos técnicos que buscam garantir o funcionamento adequado das vias aéreas, respiração e circulação da vítima, seus principais objetivos são manter a vida do indivíduo que recebe a assistência, sem causar ou acentuar lesões existentes. A qualidade da conduta efetuada no SBV, especialmente na realização das manobras de ressuscitação cardiopulmonar (RCP), é essencial e depende diretamente do nível de conhecimento e das habilidades aprendidas pelos socorristas. Assim, um aperfeiçoamento no ensino de RCP para profissionais da saúde e pessoas leigas pode promover um aumento dos índices de sobrevivência em casos de PCR (GARCÍA-SUÁREZ et al., 2019; PERKINS et al., 2015; SILVA et al., 2020).

Em países desenvolvidos, é comum que o treinamento em SBV seja disponibilizado para a população de forma ampliada, enquanto no Brasil existe uma lacuna a ser preenchida nesse âmbito. A falta de informação acerca dos procedimentos básicos de primeiros socorros se configura como um problema de saúde pública, visto que o atendimento imediato, ainda que feito por pessoas leigas, se relaciona diretamente com a redução da mortalidade por PCR. A deficiência no conhecimento sobre APH de forma geral se expressa no entendimento limitado acerca de urgências e emergências e gera consequências, além da acentuada incidência de mortalidade decorrente de PCR e outras situações de emergência, como ocultação de informações importantes ou transmissão de informações errôneas durante a solicitação de atendimento (DE MOURA et al., 2012; SILVA et al., 2020). Nesse contexto, é de grande importância a adequada capacitação em SBV de toda a população brasileira, com destaque para

dois grupos, os estudantes da área da saúde e os agentes comunitários de saúde (DIAS et al., 2016; PRETO et al., 2019; SILVA et al., 2020; VURAL et al., 2017).

Estudantes da área da saúde com boa formação em SBV podem atuar de forma determinante em ocorrências de PCR tanto no ambiente extra hospitalar. Ademais, o conhecimento das medidas de suporte básico é um passo inicial para o manejo de situações da prática médica. Todavia, há uma lacuna na formação desses profissionais em relação ao aprendizado sobre primeiros socorros (PRETO et al., 2019; VURAL et al., 2017; ZANESCO et al., 2020). Já no que diz respeito aos agentes comunitários de saúde (ACS), por se tratarem do elo entre a população e os serviços de Atenção Primária à Saúde (APS), atuam em contato direto com diversos pacientes. Assim, têm grande probabilidade de necessitar do conhecimento das medidas de SBV, sem que, no entanto, recebam este treinamento de forma regular (MARTINS et al., 2021; MOROSINI et al., 2018; PRETO et al., 2019; VURAL et al., 2017).

Neste relato, é detalhada a experiência de um grupo de estudantes de medicina no planejamento e realização de capacitação em SBV com estudantes do 2º período de medicina da Universidade Federal de Alagoas, no contexto de uma atividade curricular de extensão, além do planejamento da capacitação que será realizada com Agentes Comunitários de Saúde do município de Arapiraca, Alagoas.

2 TREINAMENTO EM SUPORTE BÁSICO DE VIDA

O saber agir aliado à velocidade da atuação é crítico em situações de emergência. No quadro da parada cardiorrespiratória (PCR), o tempo-resposta entre o colapso e a intervenção torna-se determinante para a sobrevivência da vítima (MORAIS; CARVALHO; CORREA, 2014). No Brasil, cerca de 180 mil PCRs acontecem, anualmente, fora do ambiente hospitalar (CANESIN; TIMERMAN; NAZIMA, 2013). Nesse contexto, o reconhecimento precoce da situação e do tratamento adequado exige conhecimento a respeito do atendimento pré-hospitalar (APH).

Pode-se definir APH (atendimento pré-hospitalar) como um conjunto de ações realizadas em ambiente extra-hospitalar que têm por finalidade a redução da mortalidade e de consequências crônicas às vítimas de situações de emergência (MAIA et al., 2014). O termo engloba o Suporte Básico de Vida (SBV), que consiste numa modalidade de suporte a pacientes com risco de vida desconhecido e com potencial de necessitar de intervenção médica, e o

Suporte Avançado de Vida (SAV), responsável pelo atendimento de pacientes em alto risco em emergências pré-hospitalares, devendo, para isso, contar com os equipamentos médicos necessários para o desempenho da atividade (BRASIL, 2002). Dentro deles, uma das técnicas abordadas é a de ressuscitação cardiopulmonar (RCP), que abrange desde o reconhecimento da parada cardíaca ao uso do desfibrilador externo automático (MORETTI et al., 2021).

Considerando a importância dos primeiros atendimentos dentro dessas situações, torna-se necessária a instrução populacional acerca do treinamento e utilidade das práticas de primeiros socorros. Sob essas condições, alguns grupos emergem como alvos especiais devido ao contexto nos quais estão inseridos, sendo eles os estudantes de ensino superior de ciências da saúde e os Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

A falta de treinamento e a dificuldade na retenção das habilidades aprendidas pelos estudantes universitários representam as duas principais causas da ausência de habilidades na execução correta da RCP (MORETTI et al., 2021). Dessa forma, adequada introdução aos conhecimentos e às habilidades em primeiros socorros e SBV deve ser considerada um aspecto essencial do currículo médico (MAIA et al., 2014). A partir desse entendimento, o projeto de Treinamento em Suporte Básico de Vida para profissionais da Atenção Primária à Saúde realizado por discentes da Universidade Federal de Alagoas teve como um de seus objetivos conferir a estudantes do 2º período de graduação em Medicina a oportunidade de receber a capacitação em SBV no contexto da formação extracurricular, a partir das metodologias ativas de aprendizagem, para que haja melhoramento dos serviços de saúde e da prestação de cuidados comunitários e domiciliares por parte dos futuros profissionais do Sistema Único de Saúde.

As metodologias ativas de aprendizagem (MAP) [...] consistem em uma forma de ensino em que os alunos são estimulados a participar de forma direta do processo de aprendizagem, assumindo papel de protagonistas (WAGNER; MARTINS FILHO, 2022). Incluídas nas diretrizes curriculares de diversos cursos médicos, as MAP são também utilizadas nos processos de ensino, pesquisa e extensão, de forma a conceder ao aluno a oportunidade de maior interação com o assunto e com outros agentes do ambiente, além de estimulá-lo a desenvolver habilidades de resolução de problemas (ASSUNÇÃO, 2021). No contexto da ressuscitação cardiopulmonar, sabe-se que o treinamento autodirigido, com a capacidade de treinamento in situ e com métodos de aprendizado gamificado atuam como formas de melhorar o resultado da aprendizagem e remover o obstáculo da dificuldade de retenção das habilidades (MERCHANT et al., 2020). De forma semelhante, na atividade realizada dentro da

Universidade, as metodologias ativas foram utilizadas como recurso educacional principal para ensino das competências teórico-práticas, visando proporcionar, desde o início do curso, a aquisição de habilidades voltadas a situações comuns da prática médica. Nesse aspecto, tais situações foram exemplificadas por meio de casos clínicos e simulações de paradas cardiorrespiratórias realizadas pelos próprios discentes do projeto, buscando desenvolver a capacidade de reconhecimento precoce da PCR. Como componente prático, o momento proporcionou a execução da RCP em manequins, para que fosse treinado o manejo correto das vítimas, com a realização de compressões torácicas.

Os alunos, divididos em grupos, precisam associar, de forma dinâmica e rápida, os conceitos teóricos à situação de PCR, tendo em vista o contexto de urgência no qual estarão inseridos, proporcionado pela simulação. A ênfase na conduta rápida se dá devido à necessidade de reversão do quadro antes de 4 minutos do início da parada, tempo em que as sequelas cerebrais da hipóxia passam a se instalar, e a prática deve levar em conta que, a cada minuto sem atendimento, as chances de sobrevivência caem de 7 a 10% (AQUINO, 2020).

Reconhece-se que os estudantes de Medicina estarão inseridos dentro dos ambientes de saúde após sua formação, sendo um dos seus palcos de atuação a Atenção Primária à Saúde (APS), a qual foi expandida, principalmente, pela Estratégia de Saúde da Família, modelo de organização da APS que a permite maior desempenho dentro da sua função de porta de entrada do sistema de saúde (RICCIULLI; CASTANHEIRA, 2021). Os agentes comunitários de saúde compõem a equipe mínima da ESF e recebem como uma de suas atribuições a realização de visitas domiciliares na área de abrangência, tornando-se capazes de identificar os problemas de saúde de forma privilegiada dentro da comunidade, pois se encontram em contato direto com os moradores (OLIVEIRA; SILVA, M.; SILVA, J., 2022). Nesse sentido, os ACS se mostram como figuras indispensáveis para reconhecimento e tratamento de situações de risco à vida, além de ocuparem também papel de agentes transmissores desses conhecimentos dentro de sua área de atuação (OLIVEIRA; SILVA, M.; SILVA, J., 2022). Dessa forma, o projeto também teve como uma de suas intenções a realização de uma pesquisa acerca dos conhecimentos prévios desses profissionais em duas Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Arapiraca: a UBS José Clóvis e a UBS Teotônio Vilela.

Figura 1 - Simulação de atendimento à vítima inconsciente



Fonte: Arquivos do próprio autor (2022).

A partir da busca de dados, foram detectados diversos déficits relacionados ao Suporte Básico de Vida, como também relacionados à própria conceituação e manifestação da parada cardiorrespiratória, a qual causava confusão com outros termos, como Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Infarto Agudo do Miocárdio (IAM). Por esse motivo, quando questionados a respeito da presença em ocorrência anterior de alguma situação de PCR, muitos não souberam responder com exatidão, pois não sabiam se as situações pensadas representavam, de fato, uma parada ou alguma outra condição emergencial. Além disso, demonstraram também grande falta de autoconfiança com relação às suas capacidades de realização das compressões torácicas e do uso do desfibrilador externo automático, este sendo também pouco conhecido entre a maior parte dos profissionais. Dessa maneira, foi observada, entre os componentes do grupo, a necessidade de treinamento desses agentes, buscando capacitá-los para o manejo rápido e adequado do colapso cardiopulmonar, pois, como moradores e trabalhadores da comunidade, ocupam local oportuno para identificação de possíveis vítimas necessitadas de intervenções.

De acordo com as diretrizes da American Heart Association (MERCHANT et al., 2020), uma das alternativas para treinamento prático dos socorristas leigos é a combinação da autoaprendizagem com o ensino ministrado por instrutores, principalmente quando realizado de forma auto direcionada, proporcionando uma maior quantidade de socorristas treinados. Assim, o treinamento para RCP seria responsável pela criação de um grupo de socorristas leigos treinados aptos para exercer seus conhecimentos na comunidade. Sob esse contexto, foi

constatada a preocupação na abordagem do grupo de agentes comunitários de saúde enquanto socorristas leigos, de forma a reconhecer deficiências prévias em algumas técnicas e propiciar o conhecimento de forma nivelada e objetiva, com enfoque em um ensino mais direto e na maior retenção de habilidades básicas. O treinamento prático dos ACS em Suporte Básico de Vida consiste em um das etapas finais do projeto, que objetiva treinar esses profissionais das duas UBS visitadas, buscando, por fim, suprir as lacunas de conhecimento encontradas e tornar esses trabalhadores pontos de apoio no contexto das situações de emergência comunitárias dentro do município, visando à incrementação técnica e educacional dos profissionais de saúde de Arapiraca e, a partir disso, proporcionar maior qualidade de vida aos moradores assistidos e a manutenção da saúde entre os moradores da cidade.

2.1 Materiais e métodos

Trata-se de um relato de experiência referente ao projeto “Treinamento em Suporte Básico de Vida para profissionais da Atenção Primária à Saúde”, realizado como componente curricular de extensão do curso de medicina da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O projeto visa à capacitação de alunos do segundo período de medicina e de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) no que tange ao reconhecimento e às ações necessárias frente a uma situação de Parada Cardiorrespiratória (PCR). Foi realizado por meio da oferta de um treinamento teórico-prático na universidade em questão, ministrado por alunos do 4º e do 5º período do curso de medicina. A execução do projeto contou com a participação de 16 alunos e 3 professores vinculados à universidade e foi estruturada em cinco etapas distintas, sendo a última o treinamento dos ACS, ainda a ser realizado.

A primeira etapa, que ocorreu de forma online via *Google Meet*[®] entre os meses de agosto a outubro de 2022, consistiu em cinco encontros de explanações teóricas sobre Atendimento Pré-Hospitalar para nivelamento dos alunos, ministradas pelos docentes à frente do projeto. Os temas abordados incluíram urgências na Atenção Primária à Saúde (APS) e conceitos em Ressuscitação Cardiopulmonar (RCP). Posteriormente, ocorreram visitas a duas Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Arapiraca/AL, com intuito de entender quais as experiências prévias e o conhecimento teórico dos ACS a respeito das situações de PCR. Foram entrevistados 20 ACS e tais relatos serviram de base para a estruturação do momento prático a ser realizado com esses profissionais, tendo em vista a necessidade de

conhecer as principais lacunas de conhecimento teórico-prático para destinar mais esforços à resolução delas.

Após a preparação teórica e coleta de informações nas UBS, deu-se início ao terceiro momento, constituído por um treinamento prático presencial, nas instalações da UFAL, com base nas metodologias ativas de ensino, que usam ferramentas como o *Team Based Learning* (TBL) e o *Problem Based Learning* (PBL) para associar experiências anteriores e o conteúdo teórico ministrado previamente de modo a consolidar o aprendizado em grupo frente a situações-problema (RIBEIRO; DE ALBUQUERQUE; DE RESENDE, 2020). Para isso, os discentes participantes do projeto foram divididos em equipes que discutiram casos clínicos, os quais simulavam situações de PCR em contextos não hospitalares, e a conduta em cada caso de forma concomitante à execução da RCP em manequins de simulação. Essa atividade foi supervisionada e guiada pelos docentes.

A quarta etapa também ocorreu nas instalações da UFAL e, nela, os discentes guiaram o treinamento dos alunos do 2º período, realizado de forma semelhante à citada anteriormente (conduta prática a partir de situações-problema). Para isso, os alunos a serem treinados foram divididos em grupos de 4 pessoas, nos quais uma delas era a líder da situação e guiava a conduta das outras. Nas simulações seguintes, esses papéis se inverteram, de modo a permitir a participação do aluno em todas as situações, como líder e como socorrista. O momento contou, ainda, com estações de treinamento em obstrução das vias aéreas por corpos estranhos (OVACE) e imobilizações de fraturas.

O projeto, além dessas etapas já realizadas, prevê a execução, no mês de dezembro, da capacitação dos ACS, também na universidade, e apresentará a eles uma cartilha com ilustrações a respeito do tema, explanação teórica sucinta e momentos práticos que simulam situações cotidianas de PCR e a conduta frente a elas. A orientação dada será baseada nas diretrizes de Suporte Básico de Vida realizada por leigos, da *American Heart Association* (AHA) (MERCHANT et al., 2020).

2.2 Resultados e discussões

A participação no projeto de extensão ofereceu aos alunos a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos sobre a abordagem e a realização dos protocolos do Suporte Básico de Vida. O desenvolvimento de aptidões para a atuação frente a cenários de urgência e

emergência, como a PCR, é fundamental para a formação em medicina, uma vez que o profissional médico deve ser capaz de intervir adequadamente nesses cenários, a partir de condutas rápidas e eficazes, com potencial de atenuar o sofrimento e salvar vidas (BASTOS et al., 2020).

A utilização de metodologias ativas, com o uso de situações problema e oficinas de treinamento, para a capacitação dos alunos desenvolveu não apenas o conhecimento técnico e a base teórica sobre a parada cardiorrespiratória, mas também aplica este conhecimento à prática, ao passo que apresenta cenários em que os conhecimentos adquiridos serão necessários, demonstrando sua importância. A partir da interação entre os graduandos e os agentes comunitários de saúde (ACS), o projeto aproximou a Universidade e as equipes de Saúde da Família (eSF). Além de direcionar uma futura prática de capacitação sobre os protocolos do Suporte Básico de Vida, a observação das experiências relatadas pelos ACS atribuiu significado e importância ao seu papel como membro da eSF. Para os estudantes, a interação os insere dentro do cenário da APS desde o início de sua graduação.

Durante o momento da entrevista com os ACS, foi constatado que muitos dos agentes não sabem conceituar adequadamente o que é uma PCR, como reconhecê-la ou como agir frente a uma. Muitos dos comentários revelaram insegurança, demonstrando como não se sentem aptos para realizar uma RCP. Foi constatado, ainda, que os grupos de agentes nunca tiveram oportunidade de participar de uma capacitação a respeito do tema.

No decorrer do treinamento realizado com os alunos do segundo período, estes apresentaram dificuldades e inseguranças sobre o protocolo pré-hospitalar do atendimento de vítima de PCR e sobre a manobra de RCP. Nesse contexto, a presença de discentes já treinados para guiar ajustes e sanar dúvidas foi suficiente para superar as dificuldades e, ao final do treinamento, tornou-se perceptível a evolução das habilidades do grupo sobre o protocolo de atendimento pré-hospitalar do paciente em parada cardiorrespiratória, além de ser notável a influência positiva da abordagem prática e da repetição na fixação do aprendizado. Por fim, a experiência deixada por esta fase do projeto consolidou e esclareceu o que seria, futuramente, abordado em prática com os agentes comunitários de saúde.

3 CONCLUSÃO

A partir do projeto realizado, o objetivo inicial de capacitar e treinar estudantes de medicina, para futuramente capacitar agentes comunitários de saúde, em Suporte Básico de Vida foi atingido. Espera-se que o conhecimento prático adquirido seja capaz de impactar positivamente a vida profissional dos envolvidos e que, em cenários com vítimas de PCR, os participantes do projeto sejam capazes de atuar corretamente e salvar vidas. A metodologia utilizada aproxima o discente da atividade profissional, e a autonomia dada aos grupos de alunos estimula a construção do saber crítico e reflexivo do indivíduo interligado ao coletivo (SOUZA; ANTONELLI; OLIVEIRA, 2016).

As experiências e as inseguranças relatadas pelos ACS sobre a RCP no momento da entrevista revelam a necessidade de ações voltadas para esse grupo de profissionais da saúde. Ademais, a evolução do grupo de alunos treinados demonstra que os ACS também devem ser capazes de superar suas dificuldades, caso sejam adequadamente capacitados. Ao longo dos treinamentos realizados para os alunos do segundo período, os discentes assumiram uma nova postura dentro da universidade, aproximando-se da docência, na medida em que guiaram as atividades práticas e atuaram como facilitadores do processo de aprendizagem dos demais graduandos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Aline. O que fazer em casos de parada cardiorrespiratória. 2020. Disponível em: <<https://cmosdrake.com.br/blog/o-que-fazer-em-casos-de-parada-cardiorrespiratoria/amp/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Metodologias ativas de aprendizagem: práticas no ensino da Saúde Coletiva para alunos de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, 2021.

BASTOS, Thalita da Rocha et al. Conhecimento de Estudantes de Medicina sobre Suporte Básico de Vida no Atendimento à Parada Cardiorrespiratória. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2048, de 5 de novembro de 2002. Brasília, 2002.

CANESIN, Manoel Fernandes; TIMERMAN, Sérgio; NAZIMA, Willyan. Treinamento em emergências cardiovasculares avançado da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Barueri (SP): Manole; 2013.

DE MOURA, Luiza Taciana Rodrigues et al. Assistência ao paciente em parada cardiorrespiratória em unidade de terapia intensiva. **Rev Rene**, v. 13, n. 2, p. 419-427, 2012.

DIAS, Bruno Vilas Boas et al. Parada cardiorrespiratória: atendimento pelo serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU) - informações passadas pelo solicitante. **CuidArte Enfermagem**, Catanduva, v. 10, n. 1, p.52-59, jan./jun. 2016.

GARCÍA-SUÁREZ, Mario et al. Basic life support training methods for health science students: A systematic review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 5, p. 768, 2019.

MAIA, Evanira Rodrigues et al. Conhecimentos em atenção pré-hospitalar e suporte básico de vida por estudantes recém-ingressos de medicina. **Revista brasileira de educação médica**, v. 38, p. 59-64, 2014.

MARTINS, Débora Maria Bezerra et al. Conhecimento e autoconfiança de Agentes Comunitários de Saúde sobre Primeiros Socorros e Parada cardiopulmonar. **Revista Cuidarte**, v. 12, n. 2, 2021.

MERCHANT, Raina M. et al. Part 1: executive summary: 2020 American Heart Association guidelines for cardiopulmonary resuscitation and emergency cardiovascular care. **Circulation**, v. 142, n. 16_Suppl_2, p. S337-S357, 2020.

MORAIS, Daniela Aparecida; CARVALHO, Dacle Vilma; CORREA, Allana dos Reis. Parada cardíaca extra-hospitalar: determinantes da sobrevivência imediata após manobras de ressuscitação cardiopulmonar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 22, pág. 562-568, 2014.

MORETTI, Miguel Antônio et al. Retenção das habilidades de ressuscitação cardiopulmonar nos estudantes de medicina. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 117, p. 1030-1035, 2021.APA

MOROSINI, Márcia Valéria; FONSECA, Angélica Ferreira. Os agentes comunitários na Atenção Primária à Saúde no Brasil: inventário de conquistas e desafios. **Saúde em debate**, v. 42, p. 261-274, 2018.

OLIVEIRA, Larayne Gallo Farias; DA SILVA, Myria Ribeiro; DA SILVA, João Luis Almeida. Treinamento em técnicas de urgência e emergência para profissionais da Estratégia de Saúde da Família: uma revisão de escopo. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 13, n. 1, p. E28487-E28487, 2022.

PERKINS, Gavin D. et al. European Resuscitation Council Guidelines for Resuscitation 2015: Section 2. Adult basic life support and automated external defibrillation. **Resuscitation**, v. 95, p. 81-99, 2015.

PRETO, Pedro Miguel Barreira. **Conhecimento sobre suporte básico de vida em estudantes do ensino superior de ciências da saúde**. 2019. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Braganca (Portugal).

RICCIULLI, Fábio Mauro; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro. O papel da Estratégia de Saúde da Família e Comunidade na Rede de Atenção às Urgências e Emergências. **Revista de APS**, v. 25, 2022.

SASSON, Comilla et al. Predictors of survival from out-of-hospital cardiac arrest: a systematic review and meta-analysis. **Circulation: Cardiovascular Quality and Outcomes**, v. 3, n. 1, p. 63-81, 2010.

SILVA, Leticia Hereman. Conhecimento em atendimento pré-hospitalar por educadores de uma Universidade do Sul de Santa Catarina. **Enfermagem-Pedra Branca**, 2020.

SOUZA, C. D. F.; ANTONELLI, B. A.; OLIVEIRA, D. J. Metodologias ativas de ensino aprendizagem na formação de profissionais da saúde. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 659-677, 2016.

VURAL, Mutlu et al. Cardiopulmonary resuscitation knowledge among nursing students: a questionnaire study. **Anatolian journal of cardiology**, v. 17, n. 2, p. 140, 2017.

WAGNER, Katia Jakovljevic Pudla; MARTINS FILHO, Lourival José. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: uso, dificuldades e capacitação entre docentes de curso de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, 2022.

ZANESCO, Camila et al. Knowledge and security of university members of the biological sciences and health area on first aid/Conhecimento e segurança de universitários da área de ciências biológicas e da saúde sobre primeiros socorros. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 12, p. 155-161, 2020.

